

A HISTÓRIA DO BRASIL NA DÉCADA DE 1960 ATRAVÉS DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA

Miranda, Silvia Helena Rebecca Andrade de¹, Zanetti, Valéria²

¹UNIVAP / Curso de História/ IP&D - Laboratório de Pesquisa e Documentação Histórica. Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova/ S.J.Campos/SP/ silvitcha2003@zipmail.com.br

²UNIVAP / Curso de História/ IP&D - Laboratório de Pesquisa e Documentação Histórica. Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova/ S.J.Campos/SP/ vzanetti@univap.br

Resumo - Este trabalho pretende mostrar que, considerando a música popular brasileira como fonte histórica, muito se pode entender sobre a história política, social e econômica do Brasil na década de 60. Através da análise semiótica das formas (ritmos) e dos conteúdos (letras) de dois dos estilos mais marcantes desse período - a música de protesto e o iê iê iê - podemos verificar que cada um desses estilos evidencia que a música popular brasileira foi uma das formas de expressão usada pelas diferentes classes sociais da época para expressar seus diferentes pontos de vista sobre um dos períodos mais marcantes tanto economicamente como politicamente em nosso país e que, portanto, a música popular pode ser considerada um signo capaz de re-significar a História do Brasil.

Palavras-chave: História, Brasil, Música, Semiótica, Ditadura

Área do Conhecimento: VII Ciências Humanas

Introdução

A história tradicional, até o início do século XX, estava organizada em torno dos feitos dos "grandes homens", personalidades políticas ou militares, que se tornaram heróis lendários. A perspectiva adotada por Fernand Braudel, expoente da Escola dos Annales, inspiradora de toda a historiografia moderna, possibilitou a formulação de uma história que não se utiliza apenas de fontes escritas, mas também da geografia, economia política, sociologia e da psicologia. A partir dessa perspectiva, a história passou a se inter-relacionar com as ciências sociais na história. A música ganha, dentro dessa nova mentalidade, a possibilidade de ser utilizada como uma fonte de novos conhecimentos históricos.

Para ser considerada um signo, capaz de narrar os acontecimentos políticos, sociais e econômicos do Brasil, a Música Popular Brasileira exige uma análise semiótica - que é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis - de suas formas e conteúdos. Utilizaremos como instrumento conceitual de semiótica e signo, a semiologia Peirceana; e para a análise das letras e dos estilos das músicas, ou seja, a linguagem verbal (letras) e a não verbal (sons e ritmos), a filosofia da linguagem, de fundamento marxista, proposta por Mikhail Bakhtin, que tem como um dos temas de

suas discussões o signo como arena de luta de classes

A Semiótica da Música é geralmente estudada por musicólogos, que se preocupam muito mais com os sistemas musicais, seus elementos e suas formas, do que com sua significação dentro de um contexto histórico. Por termos conhecimento dessa lacuna no estudo da História, é que aceitamos o desafio de fazer análise semiótica da Música Popular Brasileira na década de 60, em duas vertentes que consideramos opostas - a "canção de protesto" e a Jovem Guarda.

Nosso trabalho buscará, portanto, analisar, através da semiótica, as letras e os estilos da Música Popular Brasileira na década de 60 a fim de que, através desse signo, possamos compreender a História do Brasil nesse período.

Materiais e Métodos

Utilizaremos fontes bibliográficas, documentais e de áudio (músicas). A fundamentação teórica relacionada às áreas abordadas por nosso projeto terá bibliografia própria.

Analisaremos letras de música em conjunto com o ritmo, fazendo relação do resultante deste conjunto com fontes bibliográficas teóricas.

Discussão

Desde o nascimento da Escola dos Annales, fundada em 1929 na França, por Lucien Febvre e Marc Bloch que a história tem considerado outras fontes historiográficas além da tradicional história factual. Essa nova história interessa-se particularmente pela história das mentalidades. Dentro dessa linhagem, Fernand Braudel (1902-1985) revolucionou a maneira de se conceber e escrever a história, propondo uma visão global cuja influência ultrapassou as fronteiras da França.

Dentro dessa nova mentalidade, a música ganha a possibilidade de ser utilizada como uma fonte de conhecimento histórico, cuja função precisa ir além de entreter; ela pode ser capaz de retratar os aspectos sociais, políticos e econômicos de um grupo ou de uma sociedade.

A semiótica "tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis". (SANTAELLA, Lúcia. 2003. p.13) [1] Portanto, sua utilização como instrumento de análise se faz necessária, já que a linguagem considerada não será apenas a verbal (letras), mas também a não verbal (ritmos). Não apenas as letras, mas os ritmos servem como representativos dos sentimentos expressos nas canções da época.

Portanto, através de uma análise semiótica das canções da Música Popular Brasileira, na década de 60, podemos identificar aspectos do contexto histórico brasileiro; sejam eles econômicos, sociais ou políticos, permitindo considerar a música um signo capaz de representar a História do Brasil.

O historiador russo, Mikhail Bakhtin considera todo signo ideológico e a ideologia como um reflexo das estruturas sociais, portanto, toda a modificação ideológica encadeia uma modificação da língua, ou seja, a forma lingüística é sempre percebida como um signo mutável. Para ele "os conflitos da língua refletem os conflitos de classe no interior de um mesmo sistema." (BAKHTIN, Mikhail. 1988. p.14) [2]

Cada tipo diverso de estilo da Música Popular Brasileira nesse período evidencia que ela foi uma das formas que as diferentes classes sociais encontraram para expressar seus pontos de vista sobre um dos períodos mais marcantes em nosso país. Os compositores da época tinham por objetivo "deslocar o sentido comum da música popular, dos problemas puramente individuais para um âmbito geral: o compositor se faz o intérprete esclarecido dos sentimentos populares, induzindo-o a perceber as causas de muitas das dificuldades com que se debate". (TINHORÃO, José Ramos. 1998. p.314) [3] Esses sentimentos variavam desde o desejo de liberdade política, tão bem expresso nas canções de protesto, como o desejo por um outro tipo de liberdade, da moral

vigente, também muito bem cantado nos versos da Jovem Guarda.

Nem sempre em todas as sociedades a música popular possui outra função além da de entreter. Como uma expressão artística do povo, ela pode ser considerada um espelho da visão da sociedade que a compõe ou do Estado que a manipula.

Baseados nessa concepção, faremos a análise semiótica da música "*Pra não dizer que não falei das flores*" de autoria do compositor Geraldo Vandré, como exemplo de canção de protesto e a música "*Quero que vá tudo pro inferno*" de autoria do cantor Roberto Carlos, como exemplo de iê iê iê. Ambas foram consideradas marcos das diferentes linguagens faladas na década de 60 e ambas se utilizaram do desenvolvimento da cultura de massa como forma de aproximação e tentativa de articulação da sociedade. A linguagem musical que estas duas faces da sociedade da época utilizou, é composta não apenas de letras, mas de ritmos próprios que também eram representativos, ou significativos da mensagem que pretendiam transmitir.

Conclusão:

O historiador Edward H. Carr escreveu que "todo ser humano em qualquer estágio da história ou da pré-história nasce numa sociedade e, desde seus primeiros anos, é moldado por essa sociedade. A língua que ele fala não é uma herança individual, mas uma aquisição social do grupo no qual ele cresce. Ambos, língua e meio, ajudam a determinar o caráter de seu pensamento." CARR, Edward H. Que é história: Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998, p.69. [4]

Sob esse contexto podemos concluir que, mesmo sendo diversas as formas e os conteúdos da Música Popular Brasileira, a música foi a linguagem encontrada pelas diferentes classes da época para expressar os sentimentos mais íntimos de uma sociedade que também era diversa, e portanto, reagia, moldava-se e comportava-se de diferentes maneiras em relação ao contexto que a cercava.

Agradecimentos

Agradeço à minha orientadora, Prof.^a Valéria Zanetti, pela confiança e apoio incondicionais.

Também agradeço ao meu noivo e historiador Cristiano José Pereira pelas horas incansáveis ao meu lado.

Referências

[1] SANTAELLA, Lúcia. **O que é Semiótica**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 19ª ed., 2003.

[2] BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo, 4^a ed., 1988.

[3] TINHORÃO, José Ramos. **História Social da Música Popular Brasileira**. São Paulo: Ed. 34, 1998.

[4] CARR, Edward H. **Que é História**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.